

A 'fadiga psíquica' na indústria

Rosângela Verônica dos Santos¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O presente estudo analisa o fenômeno "fadiga psíquica" dos trabalhadores da indústria WEG Motores Elétricos S. A., localizada no estado de Santa Catarina, Brasil.

Com base nos dados obtidos através da observação e de entrevistas, este fenômeno é relacionado ao contexto industrial capitalista, enfatizando-se suas conotações agressivas à integridade psico-física do trabalhador.

Dentre as formas de desgaste psíquico encontradas ressalta-se a irritabilidade, a sensação de desânimo, os distúrbios do sono e o envelhecimento precoce, tendo-se situado o

Abstract

The present research analyses the phenomenon of "psychic fatigue" felt by the workers of the WEG Electric Motors Company, located in the State of Santa Catarina, Brazil.

With basis on the data obtained through observation and interviews, this phenomenon is related to the industrial capitalist context, with emphasis on its aggressive effects on the psychic and physical integrity of the workers.

Among the detected forms of psychic wear and tear have to be emphasized the irritability, the sensation of discouragement, the sleep disorder and precocious aging which have situated the discomfort

(*) Psychic fatigue in the industry.

¹ Mestre em Sociologia Política/UFSC e Professora Substituta do Departamento de Ciências Sociais/UFSC.

desconforto dos trabalhadores numa fronteira imaginária entre a “fadiga psíquica” e a patologia mental.

of the workers at the imaginary frontier between “psychic fatigue” and mental pathology.

Palavras-chave: fadiga psíquica, saúde e trabalho, desgaste psíquico, sofrimento mental.

Keywords: psychic fatigue; health and work; psychic wear and tear; mental suffering.

Saúde lesada e sofrimento mental na indústria de motores elétricos

Este artigo analisa o fenômeno da “fadiga psíquica” no âmbito da indústria destacando suas complexas relações com o processo de trabalho. A pesquisa de campo realizou-se em 1991, na Empresa WEG Motores Elétricos S. A., situada no município de Jaraguá do Sul, região do Vale do Itapocu, ao norte do Estado de Santa Catarina, tendo-se entrevistado, formalmente, 26 trabalhadores.

O conteúdo deste artigo explora apenas alguns dos aspectos principais da Dissertação de Mestrado intitulada “A fadiga psíquica” na indústria. Tais aspectos estão vinculados às formas de desgaste psíquico encontradas entre os informantes da pesquisa: a irritabilidade, a sensação do desânimo, os distúrbios de sono e o envelhecimento precoce, tendo-se situado o desconforto dos trabalhadores numa fronteira imaginária entre a “fadiga psíquica” e a patologia mental.

O espectro desta dissertação incluiu, inicialmente, uma detalhada revisão da literatura científica sobre “fadiga psíquica”, tendo-se resgatado a contribuição de vários autores, ressaltando-se Juan César Garcia, C. Cameron, Barthey e Chute, Edith Seligmann-Silva, além de Karl Marx, J. M. Stellmann e S. M. Daum, Giovanni Berlinguer, Asa Cristina Laurell e Mariano Noriega.

Posteriormente, refletiu-se sobre o tema à luz da legislação trabalhista brasileira, com base nas contribuições de Cristina Possas, Marigildo Camargo Braga e José Finocchiaro. Finalmente, sobre as relações entre a organização do trabalho e a saúde dos trabalhadores, buscou-se inspiração em André Gorz, Anita Moser, E. P. Thompson, Christophe Dejours, Georges Friedmann, Karel Kosik, Robert Linhart e Simone Weil.

Os resultados apresentados a seguir inspiram-se nestes e em outros autores cujas obras contribuíram e continuam a contribuir para elucidar um tema diretamente associado ao sofrimento dos trabalhadores e, raras vezes, percebido desta maneira não apenas pela legislação que deveria ampará-los, mas pelos próprios organismos de saúde: o desgaste psíquico.

A análise da literatura possibilitou a compreensão dos diversos sentidos do conceito de “fadiga psíquica” identificados em diferentes períodos históricos, tendo-se verificado que este conceito assume, inicialmente, uma relação com o esgotamento físico e/ou muscular da força de trabalho. Um exemplo desta conotação está constituído pelos estudos de Hugo Kroencker e Ângelo Mosso (ambos in: GARCIA, 1989), COULOMB (apud MAURO, 1977), CHAVEAU; IMBERT; Jules Amar; LAUGIER e ATZLER (todos in: FRIEDMANN, 1956), entre outros, realizados entre o fim do século XIX e o início do século XX.

No período histórico seguinte uma outra conotação pode ser observada, relacionando o conceito de fadiga com a produtividade na indústria, estendendo suas análises, em alguns, casos aos fatores ambientais. Desenvolvida durante e após a Primeira Guerra Mundial, esta tendência é responsável pela criação de grandes institutos de pesquisa, tais como o Laboratório de Fadiga de Harvard, nos Estados Unidos e a Sociedade Inglesa para Pesquisas de Fadiga Industrial (GARCIA, 1989).

Durante as décadas de 50 e 60 as pesquisas foram direcionadas para investigar as situações que demandam dos trabalhadores um alto nível de concentração e atenção. A fadiga em si não é considerada um problema, a menos que o trabalhador torne-se inabilitado (GARCIA, 1989).

Posteriormente, a partir da década de 70, o conceito de fadiga assume (finalmente) uma conotação psicossocial. A fadiga apresenta-se totalizante e crônica, evidenciando os aspectos penosos da organização do trabalho, tendo origem psíquica e sendo difícil para o trabalhador curar-se dos seus efeitos. Dentro desta tendência destacam-se as contribuições de GARCIA (1989), BARTHEY e CHUTE (in: CAMERON, 1973) e CAMERON (1971 e 1973).

Inspirando-se no conjunto destas pesquisas, este estudo compreende por “fadiga psíquica” um estado de perturbação nervosa, um esgotamento acentuado, uma modalidade de padecimento psíquico, com possibilidades de transtornos mentais acentuados, acompanhado de uma indisposição geral, um cansaço irrecuperável num curto período de tempo, com sintomatologia e manifestações psicossomáticas.

A WEG Motores Elétricos S.A., em sua trajetória histórica, experimenta um processo de acelerado desenvolvimento empresarial no contexto catarinense. A empresa, em sua configuração geral, ocupa o “status” de grande porte, destacando-se por sua envergadura no mercado nacional e internacional. Hoje, o “holding” Grupo WEG S. A. é a pioneira no mercado, representada pela empresa Eletromotores Jaraguá Ltda. A WEG é uma empresa que nasceu pequena e logo se revelou ao mercado como a campeã latino-americana de motores elétricos. Sua fundação ocorreu em 16 de setembro de 1961, período em que a realidade brasileira atravessava um momento histórico marcante.

Dentre os diversos departamentos da empresa, selecionou-se a Seção de Montagem do Departamento de Fabricação I. A Montagem constitui-se como uma unidade de produção, tendo-se incluído na amostra da pesquisa trabalhadores manuais “especializados”, identificados como operadores de produção.

Quanto ao perfil dos trabalhadores da amostra, observou-se que, em sua maioria, são descendentes de imigrantes alemães e italianos, concentrados na cidade de Jaraguá do Sul e cidades vizinhas como Corupá e Nereu Ramos. Com relação à faixa etária e estado civil, destacou-se um número de 14 trabalhadores entre 16 e 30 anos e 12 trabalhadores entre 31 e 45 anos. Depreende-se assim que 11 trabalhadores entrevistados eram solteiros e 15 casados. Quanto ao grau de escolaridade, 14 trabalhadores apresentaram o 1º. Grau incompleto; seis o 1º. Grau completo; cinco o 2º. Grau incompleto e um trabalhador o 2º. Grau completo. A seleção dos trabalhadores procedeu-se via encaminhamento da empresa, através de um ordenamento interno da produção, de acordo com as possibilidades de liberação dos trabalhadores nos respectivos turnos de trabalho. A amostra contemplou 22 trabalhadores do sexo masculino e quatro trabalhadores do sexo feminino.

Com base no conteúdo das entrevistas, na seqüência, apresentam-se as modalidades de desgaste psíquico, caracterizadas tais como: irritabilidade, sensação de desânimo, insônia e envelhecimento precoce. Além disto, resultante destas modalidades de desgaste, na fronteira “imaginária” entre a “fadiga psíquica” e a patologia mental, situa-se o sofrimento psíquico.

1) Irritabilidade

Sublinha-se neste tópico o aspecto da irritabilidade como uma das formas assumidas pelo desgaste psíquico do trabalhador, presente no cotidiano laboral, onde os mesmos a experimentam com grande pesar.

A irritabilidade consiste na presença quase que constante da “fadiga” do mundo laboral, ocorrendo uma exasperação e/ou nervosismo, uma sensação bastante exacerbada de impaciência, do trabalhador no seu espaço. Essa sensação provém do conflito entre o trabalhador e a organização do trabalho, face às exigências arbitrárias do processo de trabalho, como a intensificação dos ritmos e em virtude das adversidades das condições de trabalho. Assim, o trabalhador irrita-se durante o processo de trabalho ou leva a irritação para sua casa. Os efeitos nocivos do trabalho, portanto, repercutem no lar dificultando o relacionamento familiar.

Na WEG Motores Elétricos S.A. constatou-se, através das entrevistas, que a irritabilidade é sentida por muitos trabalhadores, mas essa última pode encontrar-se latente ou não, dependendo das circunstâncias do trabalhador fatigado. Simone Weil relata a dificuldade de se conviver com a irritabilidade na fábrica. Segundo esta autora, a irritabilidade evolui até o desespero e formas de condutas agravantes junto aos trabalhadores. Por outro lado, afirma que a submissão e a irritabilidade caminham lado a lado, polarizadas nos discursos relativos aos processos de trabalho.

Uma das modalidades de irritabilidade bastante explícita consta dos testemunhos dos trabalhadores na linha de montagem, relativo ao ruído das máquinas pneumáticas e ao próprio trabalho em si, conforme o testemunho de CARLOS:

- (...) mas depende do barulho, se tem muito barulho, me dá dor de cabeça ou coisa parecida. O barulho é das máquinas pneumáticas que apertam o parafuso. Se eu pudesse pegar uma vaga melhor, um serviço leve, assim de auxiliar de escritório, administração; quero sair da produção. É chato, mas tem de ficar, é obrigado a ficar. É sempre a mesma coisa, isso vai enjoando. Não quero ficar sempre ali (...).

De acordo como o testemunho de WILSON:

- Na minha opinião (...) terá que usar aparelho de proteção auxiliar, talvez umas duas ou três horas por dia. Têm partes que tem muito ruído, muito forte como a cabine de pintura, tem aquele motor que faz ruído (...).

A essa modalidade específica de irritabilidade das condições de trabalho e seus efeitos insalubres e penosos, somam-se outras formas relativas ao próprio acúmulo das atividades, de acordo com o entendimento de RAIMUNDO:

- Olha, já bastante tempo não, mas assim parecem dois anos atrás, eu ficava muito agressivo com o pessoal. O pessoal vinha me pedir as coisas, eu já chegava com quatro pedras na mão. Agora eu consigo me controlar. O dia que eu estava brabo (...) quando eu explodia, não é que ficava depois com isso (...).

A descrição do trabalhador revela, principalmente, elementos da irritabilidade no processo diário do trabalho. O “ficar brabo” exprime o momento máximo da irritabilidade para com os companheiros, os quais lhes solicitam ao mesmo tempo todos os materiais. Na condição de não poder responder com imediatividade, o trabalhador expressava sua agressão, funcionando inclusive enquanto uma forma de resistência ativa (individual), na busca de uma proteção por alguns instantes. O seu estado de “fadiga psíquica” suscitava essa atuação e esses acontecimentos abruptos desenrolavam-se na batalha do trabalho.

Outro depoimento contém elementos análogos ao anterior, tornando-se evidentes os elementos de irritabilidade através da estrutura da narrativa. A irritação é exacerbada pelas constantes e imediatas solicitações à produção, conforme relato de OSCAR:

- (...) tem horas que cinco, seis, um quer uma coisa, o outro quer outra, o outro aquela outra, e sabe como é, as pessoas. Tem pessoas com a cultura muito curta, então chegam e ‘quero já’, mas não é assim, tem que aprender, tem que esperar na fila e esperar a vez. Então, esse tipo de coisa a gente tem de saber. Eu, no começo, apanhei bastante(...).

Segundo o testemunho do Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Mecânicos e do Material Elétrico de Jaraguá do Sul/SC, os efeitos nervosos principais da produção, estão assim relacionados:

- (...) o mau-humor, brigas excessivas entre os próprios companheiros, e tem briga de tapa dentro da empresa e quando acontece isso o trabalhador é demitido por justa causa. O nervosismo é uma coisa presente. O trabalhador sofre pela pressão, pela ansiedade e acaba com os nervos em frangalhos devido a toda essa situação colocada, devido à pressão da chefia, devido ao cara que já tá ali cronometrando o trabalho dele. As preocupações que ele tem, o salário é pouco,

chega no fim do mês é uma desgraça e tem todo o mundo em cima dele, é um regime mesmo de desespero, ainda acaba com os nervos à flor da pele, chegando em casa, dando porrada nos filhos.

Através desse relato do sindicalista vislumbra-se o grau da irritação nervosa a que estão submetidos os trabalhadores no espaço da produção. Esta irritabilidade atinge um grau elevado, culminando, muitas vezes, com a demissão do trabalhador. Esses conflitos ocorridos na produção constituem um exemplo do que acontece no interior das fábricas, dos efeitos nefastos à saúde do trabalhador nesse espaço e de sua manifestação no lar. Constatou-se ainda, durante a realização das entrevistas, que a irritabilidade em forma de conflito direto, aberto, configura-se num evento freqüente, conforme relatou EDUARDO:

- Isso acontece, porque uns faz uma brincadeira que não é adequada, não deve, que está errado brincadeira no serviço, às vezes um faz uma brincadeira o outro já reprime, então sempre há umas discussões.

2) Sensação de desânimo

Neste tópico discorre-se sobre a sensação de desânimo dos trabalhadores fabris e em geral. Analisa-se a temática, embora sucintamente, por acreditar e julgar indispensável a sua apreciação no contexto do trabalho fabril, mostrando-se assim, como se reflete em seu conjunto na vida dos trabalhadores.

Enfatiza-se, conforme SELIGMANN-SILVA (1986), que o desânimo constitui uma característica da “fadiga” crônica, podendo estar vinculado à uma sensação de tristeza cada vez maior, passando a dominar o mundo interior ou, em outra conotação, assume o corolário do cansaço, a falta de ânimo determinada pela própria exaustão, a falta de disposição para qualquer iniciativa. Simultaneamente, a expressão parece ser utilizada para referir-se à sensação de esvaziamento, tristeza e exaustão, à falta de disposição.

Observa-se como estas sensações repercutem nos planos dos trabalhadores neste fragmento da entrevista de EVANDRO:

- Às vezes eu penso em terminar o terceiro ano de contabilidade, mas agora trabalhando no turno, às vezes me dá um desânimo, chega à tarde, a gente cansado, como eu vou pro colégio? Chega 10 horas, 11 horas da noite e às quatro

horas da manhã levantar é bastante dificultoso. Eu tinha vontade de trabalhar assim, na agricultura e estudar, assim como eu fazia. Estudei sete anos. Ali se tinha toda liberdade, se estudava a hora que queria e esse é o modo melhor para mim. Tenho que estudar bastante, morar num lugar tranqüilo, senão eu não aprendo. Eu tenho dificuldade em certas matérias para aprender. Quanto mais barulho, menos eu aprendo. Tem que ter sossego, paz para mim. Eu estudava longe de casa, tinha um riozinho que passava, lá embaixo na cascata, descia numa grutinha, corria numas pedras, era proposital para estudar. Então eu não faço nada, eu só descanso. É importante descansar porque a gente já levanta de madrugada, às quatro horas da manhã.

Estas emoções e as lembranças de um modo de vida anterior encontram-se profundamente inscritas no espírito do trabalhador. São lembranças que não voltam mais, salvo na sua própria imaginação. Todavia, em seu discurso percebe-se no desenrolar do trabalho industrial, no trabalho em turno, uma “castração” dos seus desejos de prosseguir os estudos. O desânimo agora, nessas circunstâncias o impede de continuar, o cansaço toma conta de si e toda a sua inteligência e ânimo ficam embotados, alheios à sua vontade.

Outras descrições evidenciam a falta de ânimo dos trabalhadores, exacerbada pelo cansaço diário acumulado, impossibilitando-os de continuar seus projetos, seus sonhos e até mesmo sair de casa nos horários livres, conforme os relatos a seguir:

WILSON: - Antes de casar pensei em fazer um curso, poderia até, mas agora não dá, sair de manhã e voltar à noite, você não tem um minuto pra conversar com a tua família, chega de noite. De manhã eu tou bem, eu tou descansado, tenho uma meia hora pra conversar com a minha mulher; se eu estudo de manhã qual o tempo que eu tenho pra conversar com a minha família? É que nem ficar preso, porque os deveres da escola têm que fazer, só vou falar com a minha família final de semana, não dá. O filho vai sentir falta de uma pessoa pra conversar (...). Ele vai achar que você é um estranho, por isso eu desisti de estudar, não estudo mais.

Ou o testemunho de RAIMUNDO:

- Às vezes a gente fica meio desanimado do serviço. Quando chega sábado ou domingo em casa a gente descansa, até que chega aquela segunda-feira pra começar tudo de novo. Diversão é pouca. Pra eu sair de casa, me esforço muito, custa muito a fazer. Então em casa eu acho melhor.

Ou, ainda, nos sentimentos de CARMEM:

- Quando a gente trabalha no horário normal, chega sábado às vezes tem planos de sair, mas tá tão cansada que às vezes tem que tirar isso da tua agenda. Fica tão cansada que às 9 horas diz, ainda bem que cheguei em casa, vou dormir. Chega à noite tu não tem aquela vontade de sair, e aos domingos também não tem como se divertir. Isso prejudica sinceramente o teu lazer. Esse é o meu ponto de vista.

Ou ainda, do testemunho de LAURINDO:

- A maior parte do tempo passo em casa, eu custo a sair de casa, tem hora de sair e a hora de voltar, então, a maior parte eu passo em casa.

Portanto, esse esmorecimento dos trabalhadores reflete o grau de “fadiga psíquica” a que estão submetidos, impedindo-os de realizar algumas programações alternativas. Esse desalento não constitui fato novo na vida dos trabalhadores, sendo seu velho companheiro. Como afirma um trabalhador: “depois do serviço não se têm ânimo pra mais nada, porque a gente gastou as energias que tinha”, ou ainda, quando o cansaço é intenso torna-se impossível encontrar ânimo para qualquer outra atividade.

3) Distúrbios do sono

Neste tópico analisam-se os distúrbios do sono dos trabalhadores, cientes que são da relevância do sono para a manutenção da saúde e do bem-estar em geral. Pretende-se enfatizar os distúrbios do sono, pois este fenômeno assume uma dimensão bastante significativa na vida dos trabalhadores, merecendo assim, um olhar mais crítico dos efeitos reais da moderna organização do trabalho.

Na análise de SELIGMANN-SILVA (1986) os distúrbios do sono constituem outro aspecto importante e sempre presente. As perturbações do sono foram estudadas especialmente no que se refere à “fadiga” dos trabalhadores de turnos alternados, embora, encontrem-se também presentes nos quadros de “fadiga” patológica, estudados em trabalhadores de outros regimes de trabalho.

Nos estudos desta autora observa-se a gravidade que as perturbações do sono geralmente assumiram no desenvolvimento e intensificação da “fadiga” crônica. Nos trabalhos com turno alternado foram encontradas algumas evoluções dos distúrbios do sono. Assim, as perturbações, em seu início, ocorriam apenas durante a semana do trabalho noturno; depois, o cansaço e o mau-estar progrediam, como uma

“inquietação” ou sensação de agitação noturna, chegando a um momento em que mesmo nas noites do período de trabalho diurno sobrevinha a insônia.

Conforme a autora, há circunstâncias onde vários casos parecem evidenciar como a insônia passa a tornar-se cada vez mais freqüente e mais angustiante. Por exemplo, quando o trabalho passa a invadir o pensamento, mesmo na hora do repouso noturno e os seus efeitos psicológicos se agravam no surgimento da insônia. Constatam-se então, casos em que os problemas do sono se intensificam dificultando o repouso, pois o trabalhador permanece preso ao trabalho, lembrando fatos, prevendo dificuldades, sendo invadido por mágoas, temores e outros sentimentos vinculados às próprias condições laborais.

Observa SELIGMANN-SILVA (1985:26) que o fenômeno do “aceleramento mental”, isto é:

uma situação onde a mente é condicionada a trabalhar acompanhando o ritmo e a modalidade de raciocínio das máquinas, está vinculado à excitação, pela qual a cabeça continua trabalhando, mesmo na hora em que o trabalhador deseja dormir. Sobrevem tanto a maior dificuldade para conseguir dormir, quanto menor o intervalo entre a hora em que cessou o trabalho e a hora de, finalmente, se deitar. Por isto mesmo afirma a autora que a cabeça continua trabalhando e não são poucos os trabalhadores que mesmo em seus sonhos, continuam trabalhando.

Cientes da importância do sono adequado à preservação da saúde em geral, e especialmente a saúde mental, não causa surpresa que a acentuação das perturbações do sono seja freqüentemente a fase que marca a passagem do simples nervosismo para a dos problemas psiquiátricos mais graves, em graus mais acentuados de sofrimento mental.

Os dados obtidos indicam que, várias vezes, os trabalhadores à noite pensam no trabalho, não conseguindo sequer dormir, face à preocupação com alguma tarefa, parecendo não realizada a contento, ou por falta de material necessário a sua execução ou mesmo pelo receio do chefe superior, atormentando-se no leito com essas embaraçosas preocupações. A este respeito, um dos entrevistados (LAURINDO), menciona:

- Quando a gente pega um tipo de trabalho fica com medo que não vai dar certo, fico encabulado. Já aconteceu comigo, não voltou ainda o motor, exigia muita atenção, mas eu fiz tudo que precisava fazer só que eu presei e não chamei o chefe. Ele disse que quando tem ordem de motor novo é para eu chamar ele. No início ficava mais preocupado na hora de dormir, ficava pensando, é uma coisa, mas é importante fazer certo.

Robert Linhart (1978) interpreta os componentes dos distúrbios do sono, presentes na insônia, como uma noite sofredora, destituída de paz, com o reviver dos acontecimentos da fábrica em todas as suas dimensões. Segundo este autor, quando o trabalhador não revive a imagem da produção no seu leito, repercutindo em insônia, revive-a em seus sonhos, pois sua mente sofreu o cadenciamento exigido na produção, e como tal, desenvolverá nos seus sonhos as mesmas características do processo de trabalho executado na jornada anterior ao sono. Há exemplos de trabalhadores que balbuciam frases relativas ao trabalho, preocupações com máquinas e tarefas. O sono é invadido pelos efeitos penosos da organização do trabalho e o trabalhador tem de prosseguir nesta paranóia. Há trabalhadores que sentam na cama e desempenham uma série de gestos, todos articulados ao espaço de produção. A mente encontra-se agredida violentamente em virtude do repouso insuficiente, iniciando-se as repercussões no quadro da saúde mental.

Mas, quando todos esses agravos à saúde do trabalhador não figuram como suficientes, há outras formas de martírios que afetam o sono, conforme salienta LEITE LOPES (1978), através da figura do “chamador”, personagem cuja função consiste em chamar o trabalhador das usinas de açúcar em suas residências quando ocorre alguma “emergência”. Neste sentido, depara-se o trabalhador com a “invasão” das horas de sono, com o desgaste doloroso das suas próprias forças físico-mentais. O sono como uma “coisa íntima e doméstica” sofre, portanto, as arbitrariedades do mundo da produção.

Ana Maria Costa (1980), por exemplo, evidencia uma relação de dependência funcional entre a cabeça e o corpo na medida em que os sintomas do nervosismo, a insônia e a falta de apetite ocasionam prejuízos ao corpo, como o emagrecimento e o enfraquecimento. Enfatiza a autora que o sono é percebido como o repositório de energias, pois ao mesmo tempo que permite recuperar as energias gastas durante o dia realiza um certo acúmulo energético para enfrentar o trabalho do dia seguinte.

Com efeito, acentua Antoine Lavoisier, o sono não é estado estável, tendo dupla evolução durante a noite. De início segue uma certa periodicidade a cada noventa minutos, depois sobe para estágios de sono paradoxal.

Observa-se então, a importância do sono nas suas fases sequenciais normalmente estabelecidas. Quando se rompe um estágio, advém uma série de implicações para a saúde do trabalhador. A ineficiência do sono acarretará efeitos nefastos ao sistema nervoso,

digestivo e circulatório, bem como sobre a capacidade de executar tarefas profissionais e, ainda, em manter uma perfeita harmonia na vida familiar.

Na empresa WEG Motores Elétricos, do total de entrevistados, 11 trabalhadores apresentam sono teoricamente normal, ao passo que 15 expressam um quadro bastante comprometedor, com distúrbios do sono. Desse total, cinco dos que apresentaram insuficiência do sono são os que estudam em curso noturno, que praticamente desfrutam apenas quatro horas de sono noturno, revelando, portanto, no momento da entrevista, acentuado grau de “fadiga psíquica”, conforme os depoimentos que seguem: CARMEM

- (...) não durmo bem à noite porque o meu tempo à noite é curto. Eu chego do colégio às 23 horas, até que vou dormir. O tempo é totalmente curto. Quatro horas de sono em geral (...). Eu estou me tornando uma pessoa muito nervosa (...). O professor já pegou dormindo na sala de aula. Saio do colégio às 10:30 horas. Tu já está exausta. Eu acho que pode trazer complicação pra minha saúde. Eu não vejo a hora de mudar em questão disso.

Ou o depoimento de ADEMAR:

- Na maioria das vezes dá cansaço porque a gente estuda à noite, acorda de manhã cedo, a gente sente cansaço. Eu sou obrigado a descansar à tarde, não é todo o dia (...). Vou dormir às 11:30 horas e acordo às três horas da manhã (...). Sinto sonolência no trabalho, dá uma vontade de dar uma cochilada, mas a gente procura ficar acordado. Tem que fazer movimento.

Outra trabalhadora (HELENA), não estudante, se referiu à pesquisadora da seguinte forma:

- Sinto sono no trabalho. No verão bastante, o serviço que eu faço é muito parado, a gente quase não se mexe, às vezes chego quase dormir.

Observa IIDA (1990) que a sonolência é um aviso de que o organismo está fatigado, precisando dormir e é também agravada pela monotonia da tarefa.

Com relação à insônia, entendendo-a como privação do sono, grande dificuldade de dormir, pode-se observar um total de 10 trabalhadores entrevistados com alguma forma de distúrbio ou que já apresentaram problemas recentemente, conforme se comprova no testemunho de WILSON que se segue:

- É difícil eu pegar no sono, depois que eu pego, não acordo mais. Os médicos não prescrevem nenhum calmante e mesmo porque eu não aceitaria. Tem um senhor que trabalha comigo e ele não pode dormir sem os comprimidos. Imagina se eu fico viciado assim como ele.

Esse testemunho deixa transparecer a preocupação do trabalhador e o receio em, porventura, necessitar da medicação. Traçando uma analogia com o companheiro de trabalho, preocupa com os reais efeitos da dependência da medicação. Todavia, no momento, resiste a essa modalidade de tratamento.

Outro trabalhador (ALÉXIS) relata que os seus distúrbios de sono culminaram na dependência medicamentosa para conseguir dormir à noite:

- Eu tomo dois comprimidos de calmante para poder dormir à noite. Se eu não tomar eu não durmo. Começo a ficar perturbado, pensando nas coisas, no trabalho. Eu me sinto muito ruim.

Do exposto, constata-se a gravidade dos distúrbios do sono que, freqüentemente, atingem os trabalhadores, induzindo-os, inclusive, ao uso de medicamentos para relaxar das tensões acumuladas durante o cotidiano do trabalho, conforme mencionaram muitos dos entrevistados.

4) Envelhecimento precoce

Neste tópico discute-se alguns aspectos sobre o envelhecimento precoce porque na indústria em série, submetida ao mais brutal empirismo, trabalhadores ligados a tarefas muito inferiores às suas capacidades intelectuais e que se fazem “embrutecedoras” estão sujeitos a esse fenômeno.

O envelhecimento precoce configura-se em um dos efeitos dos mecanismos da racionalização e se constitui num dos males que o trabalhador tem de suportar ao longo dos anos no exercício de seu trabalho. O envelhecimento consiste numa das formas de obliteração do trabalhador. Parecer velho, tornar-se velho, apagar o brilho da juventude, chegar à velhice antes de alcançar a terceira idade, é um fato presente no universo laboral.

O envelhecimento precoce resultante do trabalho consiste numa violência imediata contra o trabalhador. O trabalhador percebe o envelhecimento do seu companheiro de trabalho como o espelho do seu

próprio envelhecimento. Esta forma de desgaste evidencia-se na aparência do trabalhador, pois quando o trabalhador escapa dos acidentes de trabalho, o envelhecimento compromete o seu aspecto físico. As rugas contornam o seu rosto cansado, perdendo a elasticidade e os seus olhos perdem o brilho de momentos anteriores, em seu lugar aparecem as marcas do sofrimento psíquico.

Em visitas realizadas às fábricas percebeu-se a seriedade do problema, o qual requer atenção e análises mais sistemáticas. Entretanto, o envelhecimento precoce não é exclusivo de trabalhadores das fábricas. A fábrica representa apenas um dos espaços onde sua manifestação real apresenta-se de forma mais aguda.

Um dos resultados deste tipo de desgaste é o descompasso entre a idade cronológica e a aparência física, ou seja, o trabalhador muitas vezes aparenta ter mais idade do que realmente tem. A observação desta aparência permite concluir que, em muitos casos, o trabalhador não se dá conta deste fenômeno. Talvez não se conscientize que esse episódio do envelhecimento resulta do próprio processo de trabalho.

A existência do envelhecimento precoce nos trabalhadores tem sido analisada por vários pesquisadores. Robert Linhart (1978), por exemplo, elabora uma breve reflexão sobre esta questão ressaltando o “amadurecimento prematuro” de um trabalhador metalúrgico na Empresa Francesa Citröen.

A partir da observação da aparência dos entrevistados, tendo-se comparado sua idade cronológica com sua aparência física, pode-se concluir que o envelhecimento precoce constitui um dano à saúde do trabalhador, sendo um dos efeitos penosos da organização do trabalho. As condicionantes desta forma de desgaste, observadas durante a investigação, foram os seguintes: ritmo de trabalho extenuante; fragmentação violenta e intencional das tarefas repetitivas; monotonia; rigidez do controle hierárquico na produção e ausência de pausas, além das posturas incongruentes, inadequadas e impróprias. Ilustrando esta situação, foram encontrados trabalhadores que, com a idade de trinta e cinco anos, por exemplo, se sentiam “velhos”, cansados e sem alternativas.

Além do mais, a maioria dos trabalhadores trazia estampado nos seus rostos, uma palidez que chamava a atenção. No Departamento Metalúrgico I (Fundição) as evidências não pouparam ninguém.

Entretantes, na Seção de Montagem do Departamento de Fabricação I as observações não destoam muito da fundição, salvo alguns

poucos casos. Os trabalhadores estão envelhecidos precocemente. Um exemplo que chama a atenção, quanto a este fato, diz respeito a um trabalhador louro, cabelos bem penteados rente à cabeça e ondulados, olhos azuis claros (a face assemelhava-se a um modelo grego) e magro, com idade de 21 anos e aparência de 35 anos de idade e com uma cifose bastante desenvolvida. Salta aos olhos que um envelhecimento brutal está se consumando nos trabalhadores desta fábrica. Com seis anos de trabalho na WEG Motores Elétricos a sua beleza física (com um forte sotaque alemão) está se definindo rapidamente. Na fábrica tudo é rápido, o ritmo, o envelhecimento, a perda da beleza e da razão. A juventude é consumida dia após dia. Percebeu-se que 18 dos trabalhadores entrevistados apresentavam envelhecimento precoce. Esse resultado revela-se bastante surpreendente.

Pode-se aqui ousar argüir uma hipótese no que concerne ser o aumento gradativo do tempo de trabalho na fábrica diretamente proporcional ao envelhecimento precoce dos trabalhadores, ou seja, quanto mais energia o trabalhador dispende, quanto mais produzir na fábrica, mais precocemente tenderá a envelhecer.

Os fatos verídicos não deixam de “chocar”, constituindo-se na realidade uma prova de que algo não está em concordância com o bem-estar e o conforto dos trabalhadores, e o seu envelhecimento precoce expressa esta contradição bem visível aos olhos e, mormente, sentida pelos trabalhadores no vivenciar de todo este processo.

5) A fronteira ‘imaginária’ entre a ‘fadiga psíquica’ e a patologia mental

Torna-se necessário voltar a atenção à temática, ainda não desenvolvida, relativa ao limite do fenômeno “fadiga psíquica”. Evidências realçam que esse campo científico de investigação ainda está por se fazer. Não há nada de sólido para se afirmar categoricamente, mas sim esforços no sentido de tatear a complexidade da questão.

Na apreciação de SELIGMANN-SILVA (1986) sobre este tema há uma fronteira sem limites bem definidos, pouco precisa, situada entre a sintomatologia da “fadiga” crônica e o surgimento de quadros psicopatológicos correspondentes às descrições oficiais da medicina psiquiátrica (psiconeuroses, psicoses, organoneuroses, alcoolismo, entre outras denominações). As manifestações típicas da “fadiga” crônica que se exacerbam, segundo estudos da autora, na transposição destas

fronteiras, são especialmente três: a insônia, a irritabilidade e a presença de desânimo. Uma forte acentuação dessas alterações, mais marcadamente em uma delas, demonstra nitidamente a possível passagem de uma fronteira à outra.

Consoante seu raciocínio, a intensificação das perturbações do sono, de um modo geral, configura-se num dos fatores presentes em praticamente todos os casos avaliados na passagem da “fadiga” à psicopatologia característica. Entretanto, a exacerbação da insônia ocorreu paralelamente à acentuação da irritabilidade na evolução dos sintomas, especialmente nos casos dos trabalhadores que sofreram surtos “psicóticos”.

Um terceiro fator apontado consiste na evolução do desânimo para uma sensação cada vez maior de tristeza e de esvaziamento existencial, culminando com fases de “depressões” graves.

Outra situação encontrada refere-se ao acidente típico de trabalho, enquanto uma intersecção da “fadiga” crônica com a patologia psiquiátrica.

Observa-se, então, a ação predisponente ou desencadeante assumida pelas condições ambientais e organizacionais do trabalho à instalação das manifestações psicopatológicas. Ressalta-se que esse processo gradualmente interage minando a vitalidade, a resistência da personalidade e, muitas vezes, a esperança do trabalhador. A agudização das exigências laborais, em circunstâncias decorrentes da crise econômica, para pessoas em extensivo estado de “fadiga psíquica” representa uma nítida ação desencadeante de crises mentais que em diversos casos analisados conduziu à hospitalização psiquiátrica.

A gravidade deste tema tem sido destacada pela literatura disponível. FINOCCHIARO (1976), por exemplo, baseia-se na análise das perícias médicas com recurso às varas privativas de acidentes de trabalho de São Paulo e nas varas cíveis de Osasco, Barueri e São Caetano, observando um total de nove casos de afecções neuropsiquiátricas nas categorias profissionais de auxiliar, servente, cilindreiro e prensista. Sublinha o autor que as perturbações mentais provocadas pela “fadiga” são ocasionadas pelas condições organizacionais do trabalho.

Constata-se na Empresa WEG Motores Elétricos a situação vivenciada por um trabalhador transportador de materiais para abastecimento de três linhas de produção, apresentando transtornos de ordem mental numa dimensão já avançada. Segundo as palavras deste trabalhador, ALEXIS, temos o seguintes dados reveladores:

- Eu sou muito nervoso, daí qualquer coisinha eu estouro, o coração começa a acelerar, começo a tremer muito. Eu tou fazendo tratamento dos nervos (...). Esse sofrimento prejudica muito a minha casa, porque eu não posso falar com ninguém, nem sorrir às vezes, fico nervoso (...).

O trabalhador apresentando um quadro de ‘fadiga psíquica’, por sua vez não considerada em seus reclames à chefia imediata, descompensou mentalmente, submetendo-se a tratamento psiquiátrico para conseguir se relacionar na família e no exercício do trabalho.

Evidencia-se outra situação real, visualizando um estado de sofrimento psíquico intenso, culminando com uma dor sempre presente. Nas palavras de CLÁUDIO:

- Fico muito nervoso no trabalho, quando alguma coisa não dá certa. Já discuti com colegas de trabalho, por questões de serviço (...). Tenho problema nervoso, tomei calmantes alguns anos atrás. Continuo muito nervoso. Não posso tomar calmante, nem remédio algum por causa do problema no estômago.

O trabalhador alegou que não consegue controlar seu estado nervoso, principalmente no processo de trabalho. Sente-se mal, com tremores pelo corpo: “as vezes, penso que não vou resistir com isso”. Percebe-se neste fragmento de testemunho com bastante clareza o desgaste sofrido pelo trabalhador.

Um outro exemplo semelhante é a situação de LAURINDO, trabalhador da Seção de Montagem, na função de prensista, ex-desmoldador do Departamento Metalúrgico, Fundição:

- Primeiramente eu trabalhava na fundição e não me dei lá, tinha muitos problemas (...). Depois que entrei na WEG não passou mais (...). Eu tava indo cada vez pior, tinha crises nervosas. Em casa me trazia muitos problemas. O médico disse que era falta de eu me adaptar (...).

Outro fato que merece menção concerne a um entrevistado de 24 anos de idade, desempenhando as funções de almoxarife, que lhe exige responsabilidade, atenção e dedicação. As pressões sofridas no ambiente de trabalho repercutem no quadro de ‘fadiga psíquica’ para o trabalhador que está sempre preocupado com o trabalho, apresentando uma patologia psiquiátrica, sendo acometido de fortes crises convulsivas e padecendo de epilepsia.

A observação das condições de produção na Seção de Montagem, bem como a análise do conteúdo das entrevistas, permitem concluir: primeiro, que o ritmo de trabalho é excessivamente elevado, principalmente quando ocorrem as encomendas de urgência; segundo, que a execução das tarefas ocorre de modo fragmentado e repetitivo, caracterizando-se pela monotonia, sendo interrompida apenas por uma pausa para o almoço; em terceiro lugar, constatou-se que a maior parte dos trabalhadores entrevistados não se realiza com o conteúdo do trabalho, tendo manifestado interesse em deixar a produção. Além disto, se queixaram insistentemente da postura inadequada (sentados ou em pé), fato que segundo eles termina por acarretar dores localizadas, generalizadas e edemas nas pernas, entre outros problemas.

A ansiedade é admitida pela maioria dos entrevistados como sendo uma conseqüência do acúmulo de tarefas, do ritmo intensificado da produção e do relacionamento com a chefia. A descompensação constitui outro tipo de sintoma comum no ambiente de trabalho, manifestando-se através de brigas, desmaios e crises nervosas. O medo de perder o emprego, bem como a falta de sentimento criativo capaz de renovar as motivações, também foram citados. Todos estes fatores se encontravam muito provavelmente agravados na ocasião da pesquisa pela dificuldade da empresa em definir uma política de saúde na área da prevenção.

Não é de espantar, portanto, que diante de todos estes fatores o índice de morbidade tenha sido alto, tendo-se encontrado naquela oportunidade entre os entrevistados problemas musculares atingindo 24 trabalhadores, cansaço alcançando também 24 trabalhadores, distúrbios de sono correspondendo a um total de 15 casos, problemas gastrointestinais, com sete casos, nervosismo e irritabilidade, referenciando sete casos, cefaléia, totalizando seis casos, problemas de visão, dois casos, varizes, um caso, problemas cardiovasculares, um caso, além de outros problemas como amigdalites, um caso, apendicite, um caso, patologia auditiva, um caso, tremores, um caso, problemas de fígado, um caso e epilepsia, um caso.

Por último, dentre os acidentes de trabalho registrou-se, no período da pesquisa, um número equivalente a sete trabalhadores acidentados. As lesões corresponderam à fratura no pé, extração de unhas, atropelamentos durante a produção, prensamento da mão, amputação do braço e queimaduras graves, seguidas de internações hospitalares.

Dentro deste horizonte sombrio é que se pode interpretar as formas de desgaste psíquico encontradas (a irritabilidade, a sensação de desânimo, os distúrbios do sono e o envelhecimento precoce) como um tipo de “fadiga psíquica” dos trabalhadores da indústria que se situa na fronteira da patologia mental.

A afirmação que se segue enfatiza o aspecto da penosidade da organização do processo de trabalho e suas conseqüências adversas sobre o trabalhador, constituindo uma fonte de preocupação que por sua vez, termina por agravar a sua saúde mental.

- *Você pede um material, você se preocupa, se ele não vem, você vai ser punido talvez. Se o material está faltando, se você requisitar e o material não chegar, vai ser penoso para você, vai complicar o teu lado. Se for uma coisa grave, pode ser até advertência, porque você já falhou a primeira vez, pede o material atrasado, aí ele (o chefe) já foi lá e peou no teu pé e o material não chega a tempo. O meu chefe quer produção, se você não atende ele, ai, ai, ai (...).* (Testemunho de ADEMAR).

Em síntese, acredita-se que convém ocultar o sofrimento dos seres humanos, principalmente quando esse sofrimento representa a conseqüência de uma grande labuta, onde os esforços realizados implicam no gasto de uma carga significativa na energia psíquica. Pensa-se assim, que o espírito não consegue ficar ileso, sem abalos, diante desse processo e descompensa agredindo ao próprio trabalhador.

Referências bibliográficas

- COSTA, Ana Maria. *Riqueza de pobre. Um estudo em antropologia da saúde.* (Série Estudos em Saúde, n. 1) Secretaria de Estudo do Estado da Bahia, Fundação de Saúde do Estado da Bahia, Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Brasília : UnB, 1980.
- FINOCCHIARO, José. *Causas e prevenção dos acidentes, das doenças do trabalho em São Paulo* (estudo de 5000 casos). São Paulo : Lex Editora, 1976.
- IIDA, Itiro. *Ergonomia: projeto e produção.* São Paulo : Edgard Blücher, 1990.
- LAVILLE, A. Tempo e trabalho. In: *Ergonomia.* São Paulo : EPU/EDUSP, 1977.
- LINHART, Robert. *A greve na fábrica.* Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.
- LOPES, José S. Leite. *O vapor do diabo. O trabalho dos operários do açúcar.* Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.

SELIGMANN-SILVA, Edith. *Condições de trabalho e de vida e sua repercussão sobre a saúde mental*. (Estudo de caso de trabalhadores industriais). Brasília, CNPq, 1988.

_____. Crise econômica, trabalho e saúde mental. In: ANGERAMI, Valdemar A. (org.) *Crise, trabalho e saúde mental no Brasil*. São Paulo : Traço, 1986.

_____. Saúde mental e trabalho. In: TUNDIS, S. Almeida e COSTA, N. do Rosário. *Cidadania e loucura. Políticas de saúde mental no Brasil*. Petrópolis : Vozes/Abrasco, 1987.

_____. *Trabalho e saúde mental do bancário*. São Paulo : DIESAT, 1985.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre opressão*. Rio Janeiro : Paz e Terra, 1979.